



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE JORNALISMO

LUCIANA BEDER PIMENTA

RELATÓRIO TÉCNICO

DOCUMENTÁRIO: “HÁ VIDA NA RUA”

Maceió

2021

LUCIANA BEDER PIMENTA

RELATÓRIO TÉCNICO

DOCUMENTÁRIO: “HÁ VIDA NA RUA”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) entregue como requisito parcial para conclusão do curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Francisco Ribeiro de Freitas.

Maceió

2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P644d Pimenta, Luciana Beder.

Documentário : "há vida na rua" / Luciana Beder Pimenta. – 2021.
31 f. : il.

Orientador: Antonio Francisco Ribeiro de Freitas.

Relatório técnico (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação
e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 23.

Apêndices: f. 25-31.

1. Jornalismo. 2. Documentário. 3. Pessoas em situação de rua. 4.
Exclusão social. I. Título.

CDU: 070.364.144

LUCIANA BEDER PIMENTA

RELATÓRIO TÉCNICO

DOCUMENTÁRIO: “HÁ VIDA NA RUA”

Relatório Técnico submetido ao corpo docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 27 de setembro de 2021.



Dr. Antonio Francisco R. de Freitas
Siape - 11207531

Prof. Dr. Antonio Francisco Ribeiro de Freitas – Ufal
Orientador

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Magnólia Rejane Andrade dos Santos – Ufal

Examinadora interna



Jornalista Guilherme Lins dos Santos – editor da TV Gazeta

Examinador externo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (Ufal)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel-a em Jornalismo

Aos 27 dias do mês de setembro do ano de 2021, das 19:50 às 20:50, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social) *via online*, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Documentário – **Há vida na rua** de autoria do(a) graduando(a) **Luciana Beder Pimenta**, Matrícula 15110855 do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel/a. A banca foi composta por: Magnólia Rejane Andrade dos Santos (1º examinador/a) e Jornalista Guilherme Lins dos Santos – (2º examinador/a externo/a) e Antonio Francisco Ribeiro de Freitas (orientador). Após a exposição oral sintetizando o TCC, o(a) graduando(a) foi arguido(a) pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

(x) Aprovado, atribuindo-lhe a nota 9,0

() Reprovado

() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a 15 dias úteis.

Obs.

Subscrevemo-nos


Dr. Antonio Francisco R. de Freitas
Siape - 11207531

Orientador


.....
Dra. Magnólia Rejane Andrade dos Santos - (1º avaliador-a) - Ufal/ICHCA


.....
Jornalista Guilherme Lins dos Santos - (2º avaliador externo) - OAM

À minha mãe, pelo incentivo e
amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Luciana, meu maior exemplo como pessoa, mulher, mãe, e, agora, avó, que sempre nos ensinou a ter compaixão e responsabilidade pelo outro. A senhora consegue desempenhar todos os seus papéis com maestria. Obrigada por sempre me apoiar e enxugar minhas lágrimas.

Ao meu filho, Mateus, que hoje é o meu maior incentivo em tudo que faço. Mamãe ama você. Aos meus irmãos, que, apesar das diferenças, sempre apoiamos uns aos outros. Que sejamos sempre assim.

Aos poucos, porém valiosos, amigos que estiveram comigo durante a graduação. De forma ainda mais especial aos amigos que me ajudaram na realização desse trabalho: Gabrielle e Daniel.

Ao meu orientador, Freitas, que aceitou o convite e me ajudou a construir esse trabalho.

E aos personagens desse documentário, que compartilharam suas histórias comigo.

*“O êxito da vida não se mede pelo caminho que
você conquistou, mas sim pelas dificuldades que
superou no caminho.”*

Abraham Lincoln

RESUMO

“Há vida na rua” é um documentário que traz os relatos de três pessoas em situação de rua, conhecidas popularmente como “moradores de rua”, em Maceió. Por meio dos depoimentos, foram abordadas as dificuldades enfrentadas por essas pessoas, que vivem à margem da sociedade, e os motivos que as levaram a tal situação. O documentário busca lançar um olhar mais humano e sem preconceito sobre esta realidade, além de contribuir com a discussão e construção de debates acerca da necessidade de políticas públicas eficientes voltadas para as pessoas em situação de rua.

Palavras-chave: Jornalismo; Documentário; Moradores de rua; Exclusão Social.

ABSTRACT

"Há vida na rua" is a documentary that brings the accounts of three people living on the streets, popularly known as "homeless", in Maceió. Through the testimonials, the difficulties faced by these people, who live on the margins of society, and the reasons that led them to this situation, were addressed. The documentary seeks to cast a more human and unprejudiced look at this reality, and to contribute to the discussion and construction of debates about the need for efficient public policies for people living on the streets.

Keywords: Journalism; Documentary; Homeless; Social Exclusion.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Abertura do documentário “Há vida na rua”	17
Imagem 2 – Entrevistado do documentário “Há vida na rua”.....	18

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma de produção	19
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICHCA	Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MNPR/AL	Movimento Nacional da População em Situação de Rua de Alagoas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	14
2.1	Objetivo geral	14
2.2	Objetivos específicos	14
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
4	PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO	17
4.1	Entrevistas	18
4.2	Roteiro	19
4.3	Cronograma de produção	19
4.4	Ficha técnica	19
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23
	APÊNDICES	24
	APÊNDICE A – Transcrição literal do documentário “Há vida na rua”	25

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira enfrenta diversos problemas atualmente e muitos deles foram agravados com o surgimento da pandemia de Covid-19, como é o caso da população em situação de rua. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a propagação do novo coronavírus aumenta a vulnerabilidade de quem vive na rua e exige atuação mais intensa do poder público.

O estudo “Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil” realizado pelo Ipea revelou um crescimento de 140% a partir de setembro de 2012, chegando a quase 222 mil brasileiros em março de 2020. A maior parte dessa população se concentra nos grandes municípios e é neles que se observa uma taxa de crescimento maior.

Apesar de não existir dados atualizados sobre a quantidade de pessoas em situação de rua em Alagoas, o Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR/AL) menciona entre quatro mil e 4.500 moradores de rua somente em Maceió. É um problema que para muitos não existe, pois tratam os moradores de rua como invisíveis, e que por outros é considerado apenas incômodo, porque expõe o que a sociedade não quer ver.

A população em situação de rua é um reflexo de uma sociedade em crise que, apesar de visivelmente impactar muitas pessoas, não consegue políticas públicas eficientes, por se tratar de um fenômeno estatisticamente pouco relevante.

O art. 1º do Decreto Federal n. 7.053/2009, conceitua a população em situação de rua como sendo o “grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória”.

E por trás dessa questão, estão pessoas que sofrem com a exclusão social causada pelo desemprego, pela violência, pelo alcoolismo, pelo uso de drogas, pela ausência de vínculos familiares e por muitos outros fatores que as levaram a essa situação; e que precisam de visibilidade, precisam de políticas públicas eficientes e do apoio de toda a sociedade.

Sendo assim, foram contadas três histórias de pessoas que vivem nas ruas de Maceió, por meio de um documentário, abordando as dificuldades enfrentadas por essas pessoas e os motivos que as levaram às ruas. Alguns dos temas tratados no trabalho foram o preconceito, o desemprego e a violência.

O meio de comunicação escolhido para trazer os depoimentos foi o documentário, pois através dele é possível dar voz e cara a população em situação de rua, fazer com que essas pessoas sejam vistas e ouvidas, levando em conta que as pessoas que vivem nas ruas são as que mais sabem quais os problemas que enfrentam e as suas necessidades.

O objetivo maior desse trabalho é dar mais visibilidade para a população em situação de rua, além de também contribuir para que haja um olhar mais humanizado por parte da sociedade, diminuindo preconceitos, e mostrar, como diz o título do documentário, que “há vida na rua”, que essas pessoas precisam de respeito e oportunidade para mudar de vida.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Produzir um documentário sobre a vida das pessoas em situação de rua, através do olhar de quem vive nessa situação, abordando os motivos que as levaram às ruas, os desafios enfrentados diariamente e as pretensões para o futuro. Mostrar, assim, que não existe um perfil único de quem mora na rua, mas também, ao mesmo tempo, que todas essas pessoas sofrem com a falta de oportunidades e apoio.

2.2 Objetivos específicos

- a)** Buscar informações pertinentes ao tema;
- b)** Entrevistar pessoas que vivem nas ruas de Maceió;
- c)** Executar as etapas de realização do documentário (pré-produção, planejamento, produção, pós-produção, montagem e finalização);
- d)** Fazer um produto experimental que incentive o pensamento reflexivo e crítico.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O documentário é um instrumento de suma importância para o jornalista. Apesar de possuir diversas definições com relação a gêneros e tipos, ele tem sua função reconhecida de forma unânime pelos documentaristas.

A função do documentário é reconhecida com unanimidade pelos documentaristas que, acreditam no objetivo de estabelecer um elo de ligação entre os receptores da mensagem transmitida e o realizador da obra, de forma a permitir uma empatia capaz de proporcionar uma reflexão sobre os fatos cotidianos que lhes cercam. (ZANDONE, FAGUNDES, 2003)

Segundo Lucena, documentário é:

[...] a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador - ou seja, nem tudo é verdade no documentário -, envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção. (LUCENA, 2012, p.16)

O autor ressalta que, para saber se é possível produzir um documentário, deve-se recorrer às questões básicas trabalhadas na faculdade de jornalismo como: “o que eu quero mostrar?”, “como eu quero mostrar isso?” e “por que eu quero mostrar isso?”. E foi a partir dessas questões que consegui definir a ideia e pensar na narrativa do documentário.

De acordo Manuela Penafria (1999, p.41), “o registro do mundo e a reflexão desse mundo e/ou desse registro têm, no documentário, um lugar privilegiado”. A estudiosa portuguesa acredita que o “documentarista é um artista, pois organiza o seu material segundo uma determinada forma, seja ela encontrada a partir do próprio conteúdo, ou introduzida no mesmo, de modo mais ou menos forçado, mais ou menos original” (1999, p.50).

Para a realização do trabalho foram utilizadas técnicas do *storytelling*, que é a habilidade de contar histórias usando, além das palavras, recursos audiovisuais.

As narrativas mais poderosas são sempre derivadas de um recorte bem definido. Em vez de contar toda a história de uma vez é interessante contar por partes, por

episódios, por capítulos. Além disso, é sempre bom ter a história vista e narrada sob o olhar do personagem. (PALACIOS; TERENCE, 2016).

Com isso, a produção com a utilização da imagem e do som permitiu que os depoimentos fossem explicitados de modo mais fiel e realista. Por meio da voz das próprias pessoas que vivem nas ruas, que enfrentam diariamente essa situação, o documentário foi produzido com o objetivo de dar espaço a elas, a partir da realidade delas, sem a interferência de um narrador externo.

Segundo Nichols (2010), os documentários abordam questões sociais que precisam de atenção, conscientizando e/ou alertando o espectador e cada um deles tem um estilo ou uma “natureza” própria. “Modos novos surgem, em parte, como resposta às deficiências percebidas nos anteriores, mas a percepção da deficiência surge, em parte, da ideia do que é necessário para representar o mundo histórico de uma perspectiva singular num determinado momento” (NICHOLS, 2010, p.137).

Sendo assim, foi utilizado o formato de documentário por acreditar que ele permite uma visão mais ampla da realidade, além da compreensão e reflexão sobre o conteúdo abordado.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

A produção do documentário foi durante os meses de julho e agosto, após diversas mudanças de tema e formato ao longo desses últimos dois anos. Com o tema e formato definidos, comecei as pesquisas, fiz o planejamento e fui em busca dos personagens. Decidi iniciar a procura pelas praças do Centro de Maceió, que geralmente servem de abrigo para muitas pessoas em situação de rua. No começo, foi difícil encontrar pessoas dispostas a falarem sobre as suas vidas. Muitas se recusaram; outras aceitaram, mas responderam apenas o básico; e por fim, encontrei pessoas que se sentiram à vontade para expor suas histórias.

A ideia inicial era entrevistar quatro pessoas de idades distintas, entre homens e mulheres, para ficar diversificado. Procurei em diferentes locais e horários, mas, no fim das contas, acabei utilizando os depoimentos de três homens de faixas etárias distintas, que conseguiram transmitir o que eu esperava. Ao todo, foram quatro saídas de gravação para as entrevistas e imagens de rua.

O documentário foi produzido com recursos e equipamentos próprios. Durante as gravações, utilizei um Iphone 6 Plus para captação das imagens e um microfone de lapela para captação das sonoras. Além de um suporte de celular para facilitar a sustentação do aparelho. Na edição do trabalho foi utilizado o programa Adobe Premiere Pro.



Imagem 1 – Abertura do documentário “Há vida na rua”

Fonte: Autora (2021)

4.1 Entrevistas

Para as entrevistas, elaborei algumas perguntas para iniciar as conversas e tentei passar segurança e tranquilidade para que os personagens não ficassem tímidos para conversar na frente da câmera. Aos poucos, todos os tópicos pensados foram discutidos nas entrevistas. Cada gravação durou cerca de 30 minutos e, apesar de nem todos os assuntos abordados serem pertinentes ao tema, foram fundamentais para os entrevistados se sentirem à vontade.

Ao todo, foram realizadas cinco entrevistas com homens e mulheres, com a ajuda da amiga Gabrielle Rodrigues para a captação das imagens. Mas, durante a edição, selecionei apenas três para o documentário. A primeira entrevista selecionada foi a do Cícero da Silva, de 29 anos, na Praça Sinimbu, realizada no dia 12 de julho de 2021. As outras duas foram as do Manoel Messias, de 67 anos, na Avenida da Paz, e do Robson Jackson, de 48 anos, na Praça Marechal Deodoro, ambas gravadas no dia 19 de julho de 2021.



Imagem 2 – Entrevistado do documentário “Há vida na rua”

Fonte: Autora (2021)

Os três personagens foram muito solícitos quando me aproximei e deu para perceber que eles estavam ali porque queriam falar e me ajudar com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O começo do trabalho mostra bem isso. O personagem que inicia o documentário fala como se estivesse participando de um programa de rádio, de forma descontraída. Outro momento que pude sentir a vontade de ajudar dos entrevistados foi quando eu estava conversando com um deles e começou a chover. Ele olhou para mim e perguntou: “E agora? Como vamos fazer para terminar?”. Na mesma hora, ele sugeriu que fôssemos para a parada de ônibus que era coberta para continuarmos com a entrevista.

Em suma, em cada uma das conversas, pude ver como é difícil e sofrida a vida na rua e, ao mesmo tempo, como há pessoas boas, dispostas a ajudar e com esperança de um futuro melhor.

4.2 Roteiro

Depois das entrevistas realizadas, decupei todo o material bruto, fiz a estrutura do roteiro e montagem. Optei por misturar os relatos para deixar mais dinâmico e, assim, trazer histórias diferentes, mas com a mesma temática.

Durante a montagem, contei com a ajuda do amigo Daniel Tavares para as transições entre os planos, cortes, efeitos gráficos e trilha sonora. Com a montagem finalizada, o documentário ficou com a duração de 17 minutos e 28 segundos.

4.3 Cronograma de produção

MESES ATIVIDADES	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X			
Gravações				X		
Edição				X	X	
Finalização					X	
Revisão do produto					X	
Entrega do trabalho						X
Defesa do TCC						X

4.4 Ficha técnica

Título: Há vida na rua

Gênero: Documentário

Tempo: 17min28s

Idioma: Português

Ano de lançamento: 2021

Produção, direção e roteiro: Luciana Beder

Captação de imagens: Gabrielle Rodrigues

Edição: Daniel Tavares

Orientação: Antônio Francisco Ribeiro de Freitas

Trilha sonora: “Drop” – Anno Domini Beats

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documentário mostra um pouco da heterogeneidade da população em situação de rua e das várias facetas de viver nas ruas. O desemprego, o uso de álcool e outras drogas e a fragilidade de vínculos familiares relatados pelos entrevistados evidenciam a multifatorialidade dessa condição.

A predominância de pessoas do sexo masculino vivendo nas ruas, apontada pelo I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua realizado em 2009, também foi constatada durante a realização desse trabalho.

Com a realização do documentário, foi possível tentar compreender os motivos que levam as pessoas às ruas e desconstruir os estereótipos e preconceitos que relegam essas pessoas à margem da sociedade, além de evidenciar a necessidade de políticas públicas eficientes voltadas para as pessoas em situação de rua.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida ao relento não é fácil. Alguns estão nessa situação por escolha. A maioria por falta de opção. São diversos motivos que levam as pessoas às ruas, ficando expostas a situações de violência (tanto física quanto psíquica), além da perda de todos os direitos sociais, presentes na Constituição Brasileira.

Durante a produção do documentário intitulado “Há vida na rua”, pude conhecer uma realidade que é invisível para grande parte da sociedade. Um problema que vem crescendo a cada dia e que precisa ser discutido, apesar de ser muitas vezes menosprezado. Sem dúvidas, foi uma experiência única e enriquecedora.

Ouvi relatos de pessoas que, de certa forma, vivem uma realidade bem diferente da minha e aprendi com elas. Não tinha ideia de como a construção desse trabalho me faria crescer como ser humano, me tornar uma pessoa melhor e com novas perspectivas. Conheci pessoas inteligentes, dispostas a ajudar e com esperança de mudança.

Além disso, coloquei em prática o aprendizado adquirido ao longo da graduação em jornalismo, desde a concepção do tema até a finalização do documentário, e assim, pude entender o processo de produção, execução e edição.

Enfim, o documentário tem o propósito de mostrar as histórias de vida dos entrevistados e como se tornaram pessoas excluídas da sociedade. Mostrar que essas pessoas só precisam de ajuda, de uma oportunidade para mudar de vida, e que essa ajuda pode vir de qualquer um de nós.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Julio. **Documentário e Jornalismo: propostas para uma cartografia plural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BRASIL, Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. **Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua: Aprendendo a contar. Pesquisa nacional sobre população em situação de rua**. Brasília, DF: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

CALIMAN, Geraldo. **Paradigmas da exclusão social**. Brasília: Editora Universa, UNESCO, 2008.

IPEA. **População em situação de rua cresce e fica mais exposta à Covid-19**. Ipea, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas/SP. Papleus, 5ª ed. 2010.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário. História, identidade, tecnologia**. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOARES, Sérgio J. Puccini. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Dissertação (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

TERENZZO, Martha; PALACIOS, Fernando. **O guia completo do storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

ZANDONE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Monografia. Comunicação Social/Jornalismo. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/ Fundação Educacional do Município de Assis. Assis/SP, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição literal do documentário “Há vida na rua”

[SONORA | Manoel Messias, 67 anos]

“Boa tarde, senhores ouvintes, aqui da Avenida, aqui é o Manoel Messias Salvador, estamos, estou aqui com a equipe de jornalismo e vou falar um pouco da, da vida na rua.”

[Imagens + execução da música “Drop”, de Anno Domini Beats]

[Inserção do título do documentário: HÁ VIDA NA RUA]

[SONORA | Robson Jackson, 48 anos]

“A rua é perigosa, a rua é muito perigosa, porque na rua você encontra todo tipo, aquele que bate nas suas costas, pode ser o seu pior inimigo, entendeu? Aquele que lhe dá um copo de cachaça, quando pensa que não, tá falando, aquele que lhe dá um pouco de cola, aquele que compra uma pedra de crack, é esse daí, é o seu amigo naquele momento, mas no mesmo, no mesmo instante pode ser o seu pior, o seu pior inimigo.”

[SONORA | Manoel Messias, 67 anos]

“Não é fácil não, a pessoa que tem uma família, a família entende a pessoa e, e depois vira tudo contrário, não é assim, a gente tem que entender que família é família mesmo de verdade, então, é o que eu falo pra vocês, nunca queiram deixar um, um membro, um tio, uma tia, um filho, jogar ele na rua, porque isso não convém, a gente tem que esquecer às vezes, a pessoa fala é porque ele é isso, é aquilo, e isso aí não importa, a gente tem que ter, tem que ter coração.”

[SONORA | Cícero da Silva, 29 anos]

“Mas, porque assim né, a sociedade, assim entre aspas, né, julga muito a gente que vive na rua, a sociedade pensa que quem vive na rua é só ladrão né, só tem ladrão na rua e não é assim, né, só tem marginal na rua, tem muita gente na rua que não era pra tá na rua, só tá na rua pela circunstância, pela circunstância da vida, mas nem todo mundo tá na rua, nem todo mundo que tá na rua é ruim não, tem muita gente boa na rua. Aí pra mim é fácil, sabe, pra mim é difícil essa vida assim, mas a gente tem que viver como deus quer né, um dia Deus amostra uma luz né, e a gente sai dessa situação que a gente tá, na rua. Ninguém foi feito pra morar na rua, né, a gente vem parar na rua pelas circunstâncias da vida, por uma coisa, por

outra, mas ninguém vai morrer na rua não, cada um vai ter sua hora de sair pra rua, né, de sair da rua, né, ter seu lar novamente, né?”

[SONORA | Robson Jackson, 48 anos]

“É, eu moro aqui, to na rua há quase três anos, e a rua é pra quem não tem, em termo, condições no momento, né, porque vamos assim dizer, muitas pessoas que tão na rua, tão... as vezes não tão nem por, por necessidade, tão por costume e outras por vicio, tanto do álcool como da droga.”

[SONORA | Manoel Messias, 67 anos]

“Estou aqui na rua desde 2012, que eu me separei da minha, da minha companheira e eu estava no Rio nessa época, então eu morei no Rio 34 anos e vim a Maceió, que eu sou daqui de Maceió, resolver uns problema meu de saúde, que eu tive gonotrose, eu sou deficiente, não posso subir 10 centímetros, levantar a perna.”

[SONORA | Cícero da Silva, 29 anos]

“Se você passar cinco dia na rua parece que você tá com mais de, parece que tá com mês, é você se cansa muito, o seu corpo, a sua mente, você não dorme direito de madrugada, eu durmo lá no Centro, quando é... mal eu consigo pregar o olho, ai já passa um por perto de mim, e a gente tem que ficar esperto, que a gente não sabe quem é que vai aparecer de madrugada né, pa pa fazer maldade né, a gente vive assim na rua, mas a gente não dorme não, muito a noite não, tira só uns cochilos né, que o corpo não aguenta mermo, mas dizer que dorme dorme bem como se tivesse numa casa...a gente num dorme não, é só pra descansar o corpo mermo, tem hora que o corpo não aguenta mais, né, a gente cai no sono. Esses abrigos que a prefeitura fez num dá pra quase ninguém, e nem ninguém, e muitos que tá na rua não quer ir porque se sente preso, parece uma cadeia, cheio de grade, cheio de guarda, muita regra, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, muitos, muitos, muitos guarda lhe observando, o tempo todo, é tem hora de sair, hora de chegar, parece mais uma cadeia.”

[SONORA | Robson Jackson, 48 anos]

“É, eu auxilio um rapaz ali que toma conta, que eu já trabalhei de vigilante também, auxilio ele e ele me deixa dormir lá, eu venho aqui pego um café, uma coisa ou outro e vou, e vou pra lá.”

[SONORA | Manoel Messias, 67 anos]

“Eu durmo em cima dum banco, durmo por aqui ou durmo ali no boi, agora não, que tá perigoso demais, tem um, tem uns pessoal lá que não é muito bom você tá junto não e quando você procura desligar dele, eles procuram outra atitude com voce, entendeu? Você tá sabendo como é que é.”

[SONORA | Cícero da Silva, 29 anos]

“É, ou então se você tiver dois ou três, aí ói vai três dormir e um fica de plantão, quando esse de plantão tiver cansado, esse vai descansar, e fica mais outro de vigia e é assim a noite toda. É... mas fazer o que, faz parte da vida, né, se a vida fosse fácil, não teria graça, né? A vida fica mais gostosa através do sofrimento né, tem tanto rico aí que não tem saúde, não tem paz. É... às vezes o dinheiro pode comprar tudo né, luxo e tudo, mas não compra a saúde, né, tantos rico aí morrendo aí.”

[SONORA | Robson Jackson, 48 anos]

“Vim parar na rua por, em termo, primeiramente por opção né, por ter feito, com licença da palavra, um bocado de merda, e ter trilhado caminhos errados, aí me levou a rua. Tive família, tenho filho, tenho esposa, mas em termo, como, como eu optei por viver nessa vida, é... com... bebendo, entendeu, com certo tipo de amizades, é, o término foi ter vindo parar aqui. Eu me afastei da, das minhas ex esposas, quer dizer, eu não me afastei, elas se afastaram de mim né, porque deram chance, e a todo momento tavam levando rasteira, ela dava a mão, quando pensava que não, eu puxava, levava aquele puxavanco né, aí foram foram até que desisitiram né porque a pessoa dá a chance, dá a mão, uma, duas, três, mas tudo na vida tem começo, meio e fim.”

[SONORA | Cícero da Silva, 29 anos]

“Em busca de trabalho né que eu não tinha, nunca tive oportunidade lá na minha cidade lá de trabalhar, aí eu vim fazer o que muitos fazem, né? É... migram pra capital, né, pra ver se consegue alguma coisa na vida né, mas quando a gente chega aqui na capital, né, assim por, por questão da gente não ter muitas oportunidade, não ter muita preparação, né, o mercado de trabalho, a gente acaba, né, ficando meio esquecido pela sociedade. Essas ofertas de emprego, eu queria que fosse pela necessidade, mas não é pela necessidade, entendeu? É mais assim: quando não é pelo preparo, né, se você tiver uma formação boa, né, um preparo bom pro mercado de trabalho, ou é pelo preparo ou é por indicação, não é pela necessidade, entendeu? Não é pela necessidade, é mais pelo empurro, é mais, é mais, é mais pela panelinha

se você tiver alguém lá dentro pra trabalhar, já lhe indica, já lhe empurra você pra ali. Na Prefeitura, eu cansei de ir na Prefeitura lá e sempre quando chegava lá atrás de um emprego me negavam, porque lá na minha cidade a gente só consegue trabalho, infelizmente, se você tiver alguém lá dentro pra dar um empurrãozinho a você, sabe? Se você for um pai de família, tiver 10 filhos pra dar, assim, pra alimentar, né, se for na porta do prefeito pedir um emprego, você contar a sua situação pra ele, se ele não for com a sua cara, ele diz logo: não tem não. Agora, se for um da turminha dele, né, que ele se agrada, que já teja alguém lá por você lá dentro da Prefeitura, aí eles vai e lhe dá um empurrãozinho: ói, bota esse rapaz, num sei o que, ele é legal, trabalhador, num sei o que. Mas isso tudo porque é aquela turminha sabe, aquela panelinha dele, sabe? A maneira que eu encontrei de ganhar a vida hoje em dia, aqui na capital, é através da reciclagem, né? Quem não tem trabalho formal, aqui em Maceió, se vira com, com reciclagem né, trabalho informal também de ambulante, vendo uma coisa, vendo outra nos ônibus, na praia mermo.”

[SONORA | Manoel Messias, 67 anos]

“Trabalhei, eu, eu fui pintor, eu faço todo tipo de pintura predial, trabalho com grafiado, textura, massa corrida, massa plástica, tudo isso. Aí eu disse eu vou embora pra Maceió porque aqui estão, tavam negando muito a minha aposentadoria, que eu já tava com o tempo de me aposentar, então eu me aposentei por tempo de, de serviço, de contribuição e por tempo da, a doença né, que é uma doença que eu não posso mais trabalhar. Eu já, eu já aluguei uns quatro quartos já, mas é muito ruim você viver sozinho, porque quando a gente fica sozinho dentro de um quarto, dentro de quatro parede, a gente para pra refletir, tá entendendo, que que não é fácil.”

[SONORA | Cícero da Silva, 29 anos]

“Minha mãe, hoje, ela mora em Rio Largo, que ela tinha, a gente tinha uma casa no interior, a gente vendeu, aí ela comprou uma em Rio Largo, pensando que em Rio Largo ia ser melhor pra gente, entendeu, pra gente viver, né, e levar a nossa vida, né, só que quando a gente chega em Rio Largo, a gente se depara um lugar bem parecido com o que a gente tava lá no interior em Santa Luzia, não tem nada também de emprego, a gente foi e quebrou a cara. Ela comprou a casa, mas sem saber, se o lugar era bom ou não, entendeu, pra trabalhar né, aí eu tava lá até, eu tava lá com ela até pouco tempo, aí decidi ir embora de casa, porque não é fácil não você, eu já vou fazer 30 anos, você ver as coisas faltando dentro, na sua casa e você não poder fazer nada. Minha mãe já tem os problemas de saúde, minha mãe tem câncer,

entendeu, não sei quanto tempo de vida minha mãe ainda tem, né, e eu já sou um homem feito já, né, e eu não aguento ver as coisas faltar dentro de casa e não poder fazer nada. É, porque não é fácil não, você abrir seu armário e não ver nada, né, pra você se alimentar, no dia a dia, você olhar pra sua mãe, e você dizer: mãe, o que é que a gente vai fazer agora, mãe, eu não trabalho, a senhora não trabalha, a gente vai viver como?”

[SONORA | Robson Jackson, 48 anos]

“Eu trabalhei de gráfico, eu trabalhei de serviços gerais, trabalhei com eventos em alguns lugares só e também já fui interno por conta do, do alcoolismo. Parei, dei uma parada porque tava sem cabeça, entendeu, o álcool, em termo, o álcool é uma droga, só que é lícita, né, em termo, o álcool, o crack, o pó, a cola, todos esses tipo de droga é tudo a mesma coisa, só que o álcool é uma coisa lícita que você, com qualquer, vamos assim dizer, cinco reais, você tá, tá ficando bêbado. E também, vou falar uma coisa a você, as amizades, né, porque a pessoa não se afasta, mas a pessoa, a pessoa não deixa de falar, mas tenta se afastar porque influi, a pessoa dizer que não influi, influi sim.”

[SONORA | Cícero da Silva, 29 anos]

“É, tenho um passado meio triste lá no interior, né, porque eu também já fui envolvido com tráfico de drogas lá né, quase fui assassinado, quase fui preso, quase puxei cadeia e tudo, mas Deus me deu o livramento né, Deus me deu outra chance né, de vida, né, de mudar de vida, né? Eu queria só arrumar um trabalho pra poder sair dessa vida né, porque é do trabalho que vem o aluguel, né, do trabalho que vem uma esposa pra você manter, né, do trabalho que você pode conquistar uma moto, conquistar um móvel pra você botar dentro da sua casa, é através de tudo, é através do trabalho né, que você consegue levantar a sua vida, entendeu? Eu já vou fazer 30 anos, por conta das drogas, por causa das coisas que eu já vivi, eu não tenho mais cabeça não pra estudar, sabe? É, eu já passei tanta coisa que vontade de estudar eu não tenho mais não, só tenho vontade só de arrumar um trabalho né, pra terminar o resto da minha vida, entendeu? Mas o que traz muita gente pra rua é isso, é o desemprego, é os vícios, é você, quando começa a se envolver com droga, assim ,você perde logo o laço com a sua família, a sua família logo lhe abandona, deixa logo você fazer a sua vida sozinho, quer ficar nas drogas? Então vá, faça a sua vida sozinho, se você acha que é um caminho bom, então vai sozinho. É, muitos estão aqui na rua por causa disso, muitos querem trabalhar e não tem emprego e muitos tão na rua porque tão em vício, né?”

[SONORA | Robson Jackson, 48 anos]

“Se a pessoa não tiver, primeiramente, força de vontade, se apegar a Deus, num deixa não, não, não, não é fácil não, não é, não é fácil. Era pra mim tá estruturado, eu já viajei um bocado de estado, já fui pra Recife, já fui pra Aracaju, já fui pra Natal, Salvador, em contato de eventos, eu na época, não faltava, vamos assim dizer, um trocado bom no meu bolso, 2, 3 mil conto, 2, 3 mil conto em casa, olha a situação da da da pessoa, a decaída, né?”

[SONORA | Manoel Messias, 67 anos]

“Eu já trabalhei muito na minha vida, mas a minha, mas na época, eu jo... a gente novo, né, só pensa em ilusão, né, só pensa em ilusão, é sim, só pensa em besteira, então eu não aproveitei nada e sim, e poderia.”

[SONORA | Robson Jackson, 48 anos]

“Até o mês que vem, com fé em Deus, eu, eu to, to batalhando aí pra sair da da rua, entendeu, alugar um lugarzinho e ficar no sossegado né, começar, vamos assim dizer, a engatinhar.”

[SONORA | Manoel Messias, 67 anos]

“Se hoje eu tiver triste, amanhã eu to alegre, tá entendendo, e a gente vai tocando o barco, é assim, é, nada tá perdido, né, é só a gente pensar e chegar no seu objetivo, o que quer né, é isso.”

[SONORA | Cícero da Silva, 29 anos]

“Cada um vai ter seu momento, seu momento, de sair, né, da rua, né, de se erguer se reerguer novamente, né, isso aqui eu creio que é só uma fase da vida né, um aprendizado, né, pra gente quando conquistar alguma coisa lá no futuro lá, a gente primeiramente agradecer a Deus, né, e tomar as decisões certas na vida, né, pra não ter que tá sofrendo depois. Tudo na vida é pela sua escolha, se você faz uma escolha certa, né, você vai viver de uma forma bem, se você faz uma escolha errada, você vai viver sofrendo na vida.”

[Imagens + execução de trecho da música “Drop”, de Anno Domini Beats]

[Créditos de encerramento]

[PRODUÇÃO, DIREÇÃO E ROTEIRO: LUCIANA BEDER]

[CAPTAÇÃO DE IMAGENS: GABRIELLE RODRIGUES]

[EDIÇÃO: DANIEL TAVARES]

[ORIENTAÇÃO: ANTÔNIO FRANCISCO RIBEIRO DE FREITAS]

[UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS]

[CURSO DE JORNALISMO]